

Aristóteles Drummond

Abuso nos fundos de pensão

A roubalheira nos fundos de pensão fechados, a maioria de estatais, vem atingindo níveis trágicos. E a repetição das práticas lesivas aos assistidos é uma realidade. São muitos os casos de corte em suplementação de efeitos danosos à sobrevivência de aposentados, supostamente idosos.

O caso mais grave neste momento é o da Eletrobras, que levou mais de 500 famílias a uma situação inacreditável. Muitos não recebem o suficiente para honrar planos de saúde geridos pelas mesmas fundações. O grave no caso da

Eletrobras é que a patrocinadora que nomeia os dirigentes do fundo não cobre o rombo. E existiria até provisão em balanço para este fim. A elite do setor elétrico, composta por homens de bem que proporcionaram o fantástico parque de geração hidroelétrica que temos, passa por momento de grande angústia.

A entrega de fundações à militância política, em pouco mais de dois anos deste governo, já apresenta fatos preocupantes. Tem até fundo sem rentabilidade em 2024, quando bastaria uma alocação

em títulos federais ou papéis de bancos como BB. Caixa econômica ou BNDES para atender a exigências legais.

Casos de aplicações temerárias, concentração de risco e conflito de interesses se repetem com frequência crescente e a impunidade prevalece. Algo deve ser feito para salvar o sistema que atende a centenas de milhares de famílias só entre estatais.

Uma medida emergencial e simples era a colocação em papéis emitidos pelo Tesouro Nacional ou bancos oficiais federais, sem intermediação

de corretoras. Bastaria decisão política do governo federal e dos estaduais e municipais.

O mercado financeiro brasileiro é de qualidade, mas curiosamente os fundos raramente aplicam nos dez maiores bancos e nunca nos oficiais.

O dinheiro depositado aos assistidos entra de imediato na economia, pois se trata de subsistência dos beneficiários. Integra, portanto, uma faixa de consumo relevante.

Pena o silêncio dos sindicatos, quando não omissos, cúmplices.

André Naves*

Inveja e evolução

Sabe aquele dito da roça, “inveja mata”? Pois lá nos antigamente mesmo, foi capaz de ser assim – Caim de olho no irmão, não deu outra: sangue no terreiro, o primeiro crime da história. A coisa era feia, não tinha papinho de perdão, não. Mas o tempo vai passando e, de grão em grão, a gente aprende um tanto.

Vê só o caso do José, aquele dos sonhos coloridos e casaco todo chique. O povo da família, roído de inveja, não teve coragem de acabar com o irmão feito Caim. Jogaram ele num buraco, venderam feito gado no leilão. Já melhorou um pouco: deu tempo de contar história

depois. E olha que da desgraça saiu coisa boa. Virou gente grande lá no Egito, salvou meio mundo de passar fome. A vida tem dessas: aperta, mas ensina.

E nessa de viver, cada um com seu latifúndio. Nem precisa sonhar com prêmio grande igual Nobel. Dizia o professor Antônio Cândido — e ele sabia das coisas — que cronista de verdade só ganha prêmio do coração mesmo. Imagina, eu aqui, escrevendo, pensando que ninguém nota. Mas esses dias, recebi um chamado: uma criança de 9 anos, com jeito de quem cria esperança, me disse que minhas palavrinhas tinham dado força

pra enfrentar a vida.

Nesse instante vi que minha medalha já veio: não é ouro, nem diploma, é esse trem bão que é tocar um pouquinho a vida do outro.

Literatura, meu amigo, é igual pão de queijo quente: acolhe, alimenta e às vezes, salva até a alma. Camões, que já errou mais que galinha nova cisca, redimiu-se na poesia. José achou a glória no fundo do poço. Eu, cronista de buteco, ganhei o maior prêmio com um telefonema de menino.

No fundo, a gente só quer um tantinho de redenção — pra perdoar quem já foi Caim,

quem já foi vendido, quem já andou meio perdido. E se a palavra não leva pro Nobel, que leve pelo menos até o coração de alguém. Já é prêmio demais pra qualquer caipira sonhador.

***Defensor Público Federal formado em Direito pela USP, especialista em Direitos Humanos e Inclusão Social; mestre em Economia Política pela PUC/SP. Cientista político pela Hillsdale College e doutor em Economia pela Princeton University. Comendador cultural, escritor e professor (Instagram: @andrenaves.def).**

Márcio Coimbra*

Educação Transformadora

A integração de tecnologias educacionais no Brasil é um passo crucial para reduzir desigualdades e melhorar a qualidade do ensino. Enquanto países como China, Coreia do Sul e Taiwan já colhem os frutos deste investimento, o Brasil ainda enfrenta desafios como infraestrutura desigual e falta de capacitação docente. Dados do PISA 2022 mostram que estudantes brasileiros estão até 3 anos atrás em matemática e ciências comparados aos alunos desses países asiáticos, onde plataformas adaptativas e inteligência artificial são comuns. Isso significa que a adoção de ferramentas modernas e soluções locais poderiam ajudar a diminuir essa lacuna, especialmente quando falamos em escolas públicas.

Na China, plataformas modernas são usadas para aulas remotas e programas de gestão escolar, enquanto a Coreia do Sul implementou sistemas de inteligência artificial para personalizar o ensino. O Brasil

pode se inspirar nesses modelos, adotando tecnologias adaptativas que atendam às diversidades regionais e socioeconômicas do nosso país.

Enquanto isso, Taiwan se destaca pelo uso de realidade aumentada (RA) e gamificação em salas de aula, aumentando em 30% o interesse dos alunos por disciplinas como matemática e ciências. No Brasil, projetos-piloto com RA, como os realizados pelo SESI, já mostram resultados promissores, com aumento de 20% no desempenho em escolas testadas. Se expandidas, essas tecnologias poderiam revolucionar o ensino em áreas rurais e periféricas, onde a evasão escolar chega a 7,6% no ensino médio.

Os países escandinavos, como Finlândia e Suécia, oferecem outro modelo eficaz: a abordagem transversal, onde a tecnologia não é uma disciplina isolada, mas integrada a todas as matérias. Na Finlândia, 70% das escolas usam plataformas digitais para projetos

colaborativos, resultando em altos índices de criatividade e resolução de problemas. Aqui, poderíamos adotar essa abordagem, utilizando plataformas não apenas para aulas remotas, mas como parte do currículo diário. Isso exigiria capacitação docente e infraestrutura, porém, os resultados—como mostram os escandinavos—são alunos mais preparados para os desafios do século XXI.

O impacto potencial do uso da tecnologia na educação seria enorme: estima-se que a implementação em larga escala de tecnologias educacionais poderia aumentar em 25% a proficiência em matemática (como visto em projetos locais) e reduzir a evasão em até 15%. Para isso, é essencial seguir exemplos globais, combinando políticas públicas robustas (como o Plano de Conectividade Escolar do MEC) com parcerias privadas. Se o país investir em infraestrutura, formação docente e inovações como IA e RA, poderá

não apenas recuperar o atraso educacional, mas também se tornar um case de sucesso na América Latina.

Em resumo, a tecnologia na educação não é um luxo, mas uma necessidade para reduzir desigualdades e preparar os estudantes brasileiros para um futuro globalizado. Inspirar-se em casos de sucesso internacional—seja na adoção de IA como na Ásia, seja na transversalidade escandinava—pode guiar o Brasil rumo a um ensino mais dinâmico e inclusivo. É uma chance real de virar o jogo onde mais precisamos.

***CEO da Casa Política e Presidente-Executivo do Instituto Monitor da Democracia. Conselheiro da Associação Brasileira de Relações Institucionais e Governamentais (Abrig). Cientista Político, mestre em Ação Política pela Universidad Rey Juan Carlos (2007). Ex-Diretor da Apex-Brasil e do Senado Federal**

EDITORIAL

Alta da Selic é ‘fardo pesado’ para economia

Um fardo ainda mais pesado para a economia, que traz consequências negativas, tanto para o emprego, à renda e ao bem-estar da população.

O tom, de advertência e preocupação, foi emitido pela CNI (Confederação Nacional da Indústria), logo após o anúncio do novo aumento da Selic (taxa básica de juros), no início da noite dessa quarta-feira (7), pelo Copom-BC (Comitê de Política Monetária do Banco Central), sob o argumento de que “o conjunto dos indicadores de atividade econômica e do mercado de trabalho ainda tem apresentado dinamismo”, com a ressalva seguinte: “...mas observa-se uma incipiente moderação no crescimento”.

Com aparente indiferença ao ‘estrago’ que o novo patamar - 14,75% ao ano, o maior, em quase 20 anos, e a terceira maior taxa real de juros do planeta - pode causar à dinâmica econômica, ao investimento e preservação dos postos de trabalho, a autoridade monetária parece ter ‘jogado a toalha’ no que toca ao arsenal disponível para debelar a escalada dos preços.

Sem esconder a contrariedade com a decisão do cole-

giado central, o presidente da CNI, Ricardo Alban, entende que a atual conjuntura demanda uma ‘postura mais prudente do Copom’.

“Embora o controle da inflação seja o objetivo primordial do Banco Central, a elevação da Selic traz riscos significativos à economia, que está em processo de desaceleração mais acentuado do que esperávamos no final de 2024”, comenta o líder industrial.

Fato é que tal desaceleração já se prenuncia há meses, uma vez que a previsão é de que o PIB (Produto Interno Bruto) não deva passar de 2,3% este ano, ou um recuo de 1,1 ponto percentual em relação a 2024.

De igual modo, a indústria deve ‘encolher’, de um crescimento de 3,3% no ano passado, para ‘médicos’ 2% em 2025.

“Caso a estimativa se concretize, isso representaria o menor crescimento da economia nos últimos cinco anos e está diretamente relacionado à política monetária contracionista”, disparou Alban.

Segundo a CNI, o BC deveria elevar os depósitos compulsórios como medida adicional da política monetária, em complemento ao uso da taxa Selic.

Que todos os dias sejam dias das mães

Este domingo (11) marca uma data muito especial: o Dia das Mães. Ele foi comemorado no Brasil pela primeira vez em 12 de maio de 1918, sendo trazida pelo Secretário-geral da Associação Cristã de Moços do Rio Grande do Sul, Frank Long. A data se popularizou e acabou sendo instituída oficialmente no calendário brasileiro em 1932, com Getúlio Vargas.

A ideia da nacionalização da data agradou o movimento feminista, que visava incentivar a valorização das mulheres na sociedade. Em 1947, o Cardeal-Arcebispo do Rio de Janeiro, Dom Jaime de Barros Câmara, oficializou a integração da data ao Calendário Oficial da Igreja Católica.

Para muitos, o Dia das Mães é uma oportunidade de sair para almoçar ou jantar em família, enquanto outros, que já não estão mais com suas mães neste mundo, é uma data

triste ou nostálgica.

Mas a verdade é que, por mais clichê que possa soar, o dia das mães tem de ser todos os dias. Valorizar as mulheres que nos trouxeram ao mundo deveria ser obrigação básica de todo ser humano.

O gesto de ser mãe é uma grande abdicação de sonhos e desejos em prol da pequena vida gerada no ventre. Elas sofrem, veem seus corpos mudarem e encaram até mesmo mudanças na carreira. Ser mãe, muitas vezes, é um risco. E ainda assim elas enfrentam o desafio.

Não tem como não louvar e amar essas mulheres tão incríveis que fazem das tripas coração para proporcionar a vida e garantir carinho, amor e perdão, independentemente da idade da cria.

As mães merecem amor e carinho eternos, homenagens diárias e muita valorização de filhos, maridos e avós.

Opinião do leitor

Homenagem

Que as mães continuem amando os seus filhos e que estes nunca esqueçam que o amor por elas é a coisa mais importantes de suas vidas. O dom da maternidade é um momento de emoções inexpricáveis na vida das mulheres, que é vivido intensamente em cada fase de desenvolvimento do ser gerado em seu próprio corpo.

José Ribamar Pinheiro Filho
Brasília - Distrito Federal

O CORREIO DA MANHÃ NA HISTÓRIA * POR BARROS MIRANDA



HÁ 95 ANOS: ESPANHA ESTÁ NOVAMENTE AGITADA PELOS ESTUDANTES

As principais notícias do Correio da Manhã em 8 de maio de 1930 foram: Instalou-se, em Lisboa, o julgamento dos implicados

no escândalo do Banco de Angola. Situação na Índia tende a se agravar depois da prisão de Ghandi. Inaugura-se, em Cartago, o 30º Congresso

Internacional Eucarístico. Espanha está novamente agitada pelos estudantes. Preparativos do voo de Mermoz pelo Atlântico

HÁ 75 ANOS: INCÊNDIO DESTRÓI PALCO DO TEATRO CARLOS GOMES

As principais notícias do Correio da Manhã em 8 de maio de 1950 foram: UDN promove manifestação por Eduardo Gomes

no Distrito Federal; lenços brancos, marca de sua campanha em 1945, reaparecem. Incêndio destrói palco do teatro Carlos Gomes. Archeson

e Shuman fazem reunião em Paris. Somoza assume a presidência da Nicarágua. Alta Cúpula Aliada profbe o armamento alemão.

Correio da Manhã

Fundado em 15 de junho de 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929)
Paulo Bittencourt (1929-1963)
Niomar Moniz Sodré Bittencourt (1963-1969)

Patrick Bertholdo (Diretor Geral)
patrickbertholdo@correiodamanha.net.br

Cláudio Magnavita (Diretor de Redação)
redacao@jornalcorreiodamanha.com.br

Redação: Ivo Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sobreiro, e Rafael Lima

Serviço noticioso: Folhapress e Agência Brasil
Projeto Gráfico e Arte: José Adilson Nunes (Coordenação) e Thiago Ladeira

Telefones (21) 2042 2955 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872

Whatsapp: (21) 97948-0452

Rio de Janeiro: Av. João Cabral de Melo Neto 850 Bloco 2 Conj. 520

Rio de Janeiro - RJ CEP 22775-057

Brasília: ST SIBSQuadra 2 conjunto B Lt.10 - Nucleo Bandeirantes

Brasília - DF CEP 71736-20

www.correiodamanha.com.br

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal.